

STELLA CARR E LITERATURA JUVENIL: UM ENIGMA EM SUSPENSO*

Maria Lúcia Zoeza de Souza

Ao colocar as carências de formação para a leitura, tanto dos jovens (que, nas últimas séries do primeiro grau, quase não lêem), quanto dos professores (que geralmente dependem do material enviado pelas editoras para a indicação de obras e para o trabalho com elas em classe), como causas do extraordinário crescimento da chamada literatura juvenil atual, a dissertação de mestrado — *Stella Carr e literatura juvenil — um enigma em suspenso* — retoma o problema da histórica vinculação da literatura produzida para crianças e a escola.

Para estudar mais detidamente essa vinculação, foi escolhido o caso exemplar de Stella Carr, uma vez que de-

liberadamente essa autora se propôs a criar uma literatura para jovens e seu sucesso pode ser comprovado pelas inúmeras edições e reedições de livros, motivadas, em especial, pela indicação de professores.

Na primeira parte do trabalho, temos a análise de *Eu, detetive — o caso do sumiço*¹, que se propõe como um livro-jogo. Nele, existe um convite ao leitor para que seja, ao mesmo tempo, um protagonista-detetive, o narrador da história e jogador.

Vê-se, então, uma brincadeira de leitura que serve para que as verdadeiras tarefas, embutidas no livro, sejam cumpridas: 1.º) a do leitor real, que terá, ao final da partida,

uma espécie de resumo da história (a ficha de leitura que geralmente acompanha os livros “juvenis”, aí, é interiorizada); 2.º) a das autoras, que terão levado esse leitor a ler; 3.º) a da editora, que incentivou-o a redigir uma solução melhor que a das próprias autoras, uma vez que o final da história é colocado em encarte lacrado (outro artefato do livro). O texto narrativo é prejudicado, porque contém em si elementos de jogo regrado e o jogo não é eficiente, enquanto tal, porque limitado pelas condições especiais da interação esperada de um texto com o leitor.

Percebe-se que a diluição dos elementos tradicionais da narrativa ficcional ocorre na medida em que a intenção de aproximar a ficção literária da realidade do leitor (jovem) foi se efetivando nos livros, pela inserção de personagens/pessoas conhecidas do mundo real desse leitor e pelas modificações operadas por Stella na adaptação ao gênero por ela escolhido para o seu projeto de literatura juvenil: o roman-

ce policial. Essas modificações indicam a preferência por soluções tipo non-sense, as quais vão se diluindo em brincadeiras generalizadas na criação de personagens, até se transformarem numa brincadeira entre autor, leitor e editor, com o objetivo explícito de valorização do livro como objeto a ser consumido.

Constata-se o desejo de superação da relação assimétrica entre o escritor adulto e o leitor jovem pela cumplicidade, ou seja, a partir da suposição de que talvez pudesse ser simétrica a interação entre o texto e o leitor.

Numa aparente contradição com o que propõe em *Eu, detetive*, Stella Carr acaba sendo, ela mesma, a protagonista e narradora do projeto de literatura juvenil brasileiro, espelhando a situação do leitor escolar e de seus professores, numa escola em que se encontram misturados ideais escolanovistas e estratégias tecnicistas.

Finaliza o trabalho uma longa entrevista com a autora.

* Tese de Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada, FFLCH/USP, orientada por Ligia Chiappini Moraes Leite.

1. Stela escreveu esse livro em parceria com sua filha Laís Carr Ribeiro.